

IA/NEGÓCIOS

Economia - Brasil

do Brasil ao Clube de Paris

Kristina Michahelles

Liberati

Economia Brasil
025
Reportagem 0262

ECONOMIA

Gebauer defende a ida

A comunidade financeira internacional veria com bons olhos a ida do Brasil ao Clube de Paris — a agremiação informal dos 15 principais países industrializados que se reúne uma vez por ano na Capital francesa — ou, a decisão do Governo brasileiro de renegociar bilateralmente seus créditos comerciais concedidos pelas agências de exportação das nações mais ricas.

O porta-voz desta informação exibe as credenciais de ter sido o principal coordenador do processo de renegociação da dívida externa do Brasil até há pouco tempo, e de continuar ativamente acompanhando a situação financeira do Brasil: é o vice-presidente para a América Latina do Morgan Guaranty Trust (um dos cinco maiores credores privados do Brasil), o venezuelano Antonio Gebauer, 43 anos, 20 dos quais cuidando do Brasil em seu banco.

Credibilidade arranhada

Ao contrário do que falava ainda em outubro do ano passado, quando repetia a retórica oficial de que o país não precisaria renegociar sua dívida e gozava de boa confiança da parte dos credores, Gebauer admitiu, ontem, em sua suíte do Anexo do Copacabana Palace Hotel, que a credibilidade do país está bastante arranhada:

— Ficou arranhada porque todo mundo subestimou e ainda subestima a complexidade do processo de ajustamento a que o Brasil está-se submetendo. Todo mundo pensou que tudo seria bem mais fácil. Mas as soluções para o Brasil não virão da noite para o dia. Levarão tempo, porque numa democracia a aprovação das duras medidas de austeridade leva mais tempo. Mas, no final das contas, são as medidas aprovadas por consenso as que se revelam as mais acertadas. E este processo ainda não foi suficientemente compreendido interna e externamente.

Fumando e mastigando um gordo charuto Alonso Menendez — apesar do nome, é de fabricação brasileira — Gebauer coça a cabeça e admite:

— Sem dúvida, até que o Governo se acerte com o FMI, os pagamentos atrasados vão-se acumular mais ainda até outubro. E, numa situação dessas, nunca se pode excluir o risco de um default (inadimplência). Mas a comunidade financeira sabe que o Governo está agindo com bom senso, e os bancos acompanham a situação financeira do país. Acho que não vai haver uma crise maior, porque está havendo progresso nas negociações do Governo com o FMI.

Em português fluente, entremeado até de gírias, o banqueiro, no entanto, acha imprescindível que os Governos dos países credores passem a desempenhar um papel mais ativo, tanto em termos de apoio financeiro como no sentido de abrir seus mercados para as exportações brasileiras. Pois é no aumento das exportações que, para Gebauer, reside a saída para o buraco em que o país está. E ele tira da gaveta as estatísticas:

— As exportações representam apenas 8% do Produto Interno Bruto do Brasil, contra 44% na Coreia e 47% na Malásia. Esses países também enfrentam o protecionismo. Não sei o que o Governo pode fazer: mas ele pode aumentar ainda muito mais as receitas geradas pelas exportações, sem prejudicar o mercado interno.

Gebauer, que veio ao Brasil para participar da reunião do Banco Interatlântico de Investimentos; (representa os interesses do Morgan no Brasil e festejou seu primeiro aniversário semana passada), e

teve um encontro com o Ministro de Fazenda, Ernane Galvéas defende-se contra as acusações de que os Projetos 1 a 4 do programa de renegociação da dívida brasileira, que ajudou a montar, fracassaram:

— Não fui o autor desses projetos. Os principais bancos foram consultados pelo Governo brasileiro e deram vários palpites. Não é culpa dos bancos se alguma coisa deu errado. Não houve fracasso: atingiu-se aquilo que se considerou necessário. Se o montante do Projeto I (dinheiro novo) foi subestimado, isso não é culpa dos bancos. Quem elabora as necessidades financeiras do país é o Governo junto com o FMI.

Vários fatores imprevistos, como atrasos no ingresso de receitas de exportação, queda no volume de investimentos diretos (estimadas em 1,5 bilhão de dólares pelo Governo, ficarão abaixo de 400 milhões de dólares este ano), problemas de renovação de prazo com os fornecedores de petróleo e a queda dos depósitos no mercado interbancário (Projeto IV) dificultaram o quadro para o Brasil de dezembro — quando houve a já histórica reunião dos credores no Hotel Plaza, em Nova Iorque — para cá.

Mas, segundo Gebauer, “cumprimos o nosso papel. Os projetos I a IV não fracassaram. Deram certo na medida do possível”. O banqueiro, que, além de fumar charutos (“geralmente, afastam muitas pessoas de mim”) gosta de jogar squash e de velejar, também nega que tenha sido substituído por William Bill Rhodes na coordenação do processo de renegociação:

— O Citibank e o Morgan encabeçaram os projetos mais formais (dinheiro novo e rolagem das amortizações) em dezembro. Naquela época, o mais importante era levantar dinheiro novo, tarefa que coube ao Morgan, que, por isso, exerceu uma espécie de liderança. Agora, é uma outra fase, e geralmente escolhe-se como coordenador o banco que tem o maior endividamento com o país, que vem a ser o Citibank. Rhodes é um homem que conhece muito bem os problemas.

“Pensar em 1985 é impraticável”

O editorial de ontem do New York Times, alertando para a gravidade da situação financeira do Brasil, foi considerado por Tony (como o chamam os mais íntimos) Gebauer como “o primeiro editorial positivo e equilibrado, que alerta para os riscos decorrentes do excessivo endividamento do Brasil mas também adverte contra soluções radicais”.

O país, segundo Gebauer, “não está falido. Está passando por um momento de iliquidez, tem atrasos no exterior, mas poderá dispor de novos recursos, uma vez que se acerte com o FMI”. O banqueiro sabe que o momento é delicado e que o Governo precisa julgar com cuidado qual o máximo de sacrifícios que pode exigir com as medidas de austeridade sem criar convulsões sociais, “mas não há soluções rápidas e fáceis”.

Finalmente, Gebauer avisa que é prematuro pensar em horizontes mais amplos para a ajuda financeira ao Brasil: “Pensar agora em dinheiro para 1985 é impraticável. Só dá para pensar em 1984. Mas o dinheiro estará disponível na medida em que as decisões de austeridade do Governo surtam efeito. Estamos dando liquidez ao Brasil para permitir ao país que chegue num prazo médio a um nível de exportações que lhe permita absorver sua dívida aos poucos”.

Luiz Carlos David



Segundo Gebauer, “todo mundo pensou que tudo seria mais fácil”, mas “as soluções para o Brasil não virão da noite para o dia”.